

RESUMO - CIÊNCIAS HUMANAS - GEOGRAFIA

O USO DOS ATLAS GEOGRÁFICOS E DOS MAPAS MENTAIS COMO RECURSOS DIDÁTICOS NO ENSINO DE GEOGRAFIA NO CANGULO EM DUQUE DE CAXIAS

Isadora Letícia Melo Fernandes (isaleticia04@gmail.com)

O presente trabalho tem como objetivo relatar e analisar a experiência pedagógica

desenvolvida com crianças da Educação Básica principalmente no bairro do Cangulo,

localizado no segundo distrito de Duque de Caxias (RJ), próximo a Saracuruna, tendo

sido feita a observação em uma escola de Belford Roxo também. A pesquisa foi centrada

a partir do uso de atlas geográficos, mapas mentais e produções autorais como recursos

didáticos voltados para a construção do conhecimento geográfico. A Baixada

Fluminense, marcada por intensos contrastes sociais, históricos e urbanos, apresenta no

bairro Cangulo uma realidade de precarização estrutural que não corresponde à

classificação oficial do IBGE (2022), considerando área urbana de alta densidade

demográfica com prédios altos, mas a realidade que os moradores descrevem é outra. A

ausência de serviços básicos e forte presença de problemas socioespaciais, além da

ausência contínua de acesso a saneamento básico tratado, interrupção constante de

fornecimento de água e energia e alta criminalidade ignorada pelo poder público

precarizam a vida do morador. Nesse contexto, a prática pedagógica buscou aproximar o

conteúdo escolar da realidade concreta dos alunos, articulando vivências cotidianas com

o ensino de Geografia e fundamentando-se nos pressupostos da aprendizagem significativa de Ausubel (1968, 2003), na reflexão crítica sobre cartografia escolar de

Richter (2011), nas discussões de Mesquita e Santos (2020) acerca dos mapas mentais

como representações afetivas do território, nas contribuições de Melo (2023) sobre a

mediação entre saber empírico e científico e no estudo de Fonte (2024) acerca da

cartografia crítica em contextos da Baixada Fluminense. As atividades iniciaram-se com

a proposta “meu caminho até a escola”, em que os alunos representaram graficamente

seus trajetos diários, revelando preocupações com segurança, precariedade urbana e a ausência de equipamentos públicos adequados. Em seguida, foram trabalhados mapas em

papel pardo com imagens do bairro e do município, estimulando a distinção conceitual

entre espaço vivido e espaço representado, e culminando na produção de fanzines

autorais nos quais as crianças construíram frases e desenhos relacionados ao território.

Por fim, a construção de mapas mentais possibilitou identificar vínculos afetivos com

espaços de socialização, lazer e pertencimento, mas também a percepção crítica das

contradições locais, incluindo referências a pontos de violência urbana, criminalidade e

ausência de infraestrutura, o que confirma a ideia de territorialização afetiva proposta por

Mesquita e Santos (2020). Os resultados evidenciam que o uso da cartografia escolar não

apenas favoreceu a apropriação de conceitos básicos como bairro, município e território,

mas também promoveu o desenvolvimento do pensamento espacial, da criatividade e da

expressão subjetiva dos alunos, fortalecendo sua capacidade de leitura crítica da

realidade. Além disso, os mapas e fanzines revelaram uma visão das crianças que vai

além do conhecimento geográfico formal, expondo questões sociais latentes como

insegurança, desigualdades urbanas e falta de pertencimento a um espaço reconhecido

institucionalmente. Tais achados confirmam a perspectiva de Richter (2011), ao defender

a cartografia crítica como instrumento de diálogo entre o saber técnico e o saber

experiential, configurando-se, portanto, como recurso pedagógico transformador.

Conclui-se que o trabalho com atlas, mapas mentais e produções autorais contribuiu

significativamente para a formação do olhar geográfico e crítico das crianças, ampliando

sua compreensão sobre o território em que vivem e possibilitando que se reconheçam

como sujeitos ativos na construção do conhecimento. A invisibilidade da realidade local

nos mapas oficiais, contrastada com as representações infantis, mostra o potencial da

cartografia escolar como prática de resistência simbólica e de valorização da voz dos

alunos da Baixada Fluminense, reforçando a necessidade de que a escola reconheça e

integre essas experiências ao processo educativo.

Palavras-chave: cartografia escolar; educação infantil; baixada fluminense; mapas mentais; aprendizagem significativa.